

# A VOZ DO COMERCIO

## QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



IGNIS-PORTO

ASSINAURAS  
(Pagamento trimestral adiantado)  
CONTINENTE . . . . . 9500  
COLONIAS . . . . . 13500  
ESTRANGEIRO . . . . . 28500  
Numero avulso—3500  
Redação e Administração  
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR  
**ANTONIO MARTINS DA FONSECA**  
EDITOR  
**ALBERTO FERNANDES LEAL**

Toda a correspondencia deve ser dirigida  
à Redação.  
**OS ORIGINAIS NÃO SE RESTITUEM**  
Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS  
Rua Fernandes Tomás, 315—PORTO

2.º ano

Pôrto, 15 de Fevereiro de 1930

N.º 28

# CARLOS DE CARVALHO

O Brasil é, e será sempre, uma grande nação na livre América.

País juvenil e florescente, tem caminhado muito na larga estrada da Civilização e do Progresso.

O seu esforço titânico, o seu trabalho, e a sua perseverança, conferiram-lhe o sceptro de oiro da hegemonia, entre todas as repúblicas latinas de além Atlantico.

Grande como um mundo, essa terra portentosa, onde as estrelas brilham com mais fulgor e os sabiões embalam com o seu canto dolente as franças dos arvoredos sempre viçosos, das incomensuraveis florestas virgens, tem em poucos anos, dado exemplos arrojados e praticado actos de ousadia e altruismo cívico, que jámais se apagarão das páginas da sua história.

Fertilissimo torrão, produzindo com abundancia e facilidade, o arroz, o cacão, o algodão, o café, o tabaco, a borraça, as mais ricas madeiras e os mais deliciosos frutos, atrae emigrantes de todo o orbe, que lá vão procurar, (quantas vezes em vão), extrair das entranhas do seu opulentissimo humus, os germens vivificantes da Independencia e . . . talvez da Fortuna, sonho doirado que acalenta todos aqueles que abandonam as suas terras nataes

O Brasil político, literário, comercial, scientifico e artistico é hoje alguma coisa de grande e digno de apreço.

Pelos seus filhos, que o honram

nas sciencias, nas artes, nas industrias e no comercio, brilha entre todas as Américas.

Por isso tem todo o logar, que nós portugueses, rendamos preito

gugas, constituindo os dois paises uma pátria unica, desde o dia 24 de Abril de 1500, data em que Pedro Alvares Cabral, desembarcou em Porto-Seguro, lançando nas semi-ignotas e longinquoas terras de Santa Cruz, o fecundo alicerce de um novo e amplissimo Portugal de além-mar!

Cabe hoje a vez ao falecido Prof. Carlos de Carvalho, mestre eminente da Sciencia das Contas.

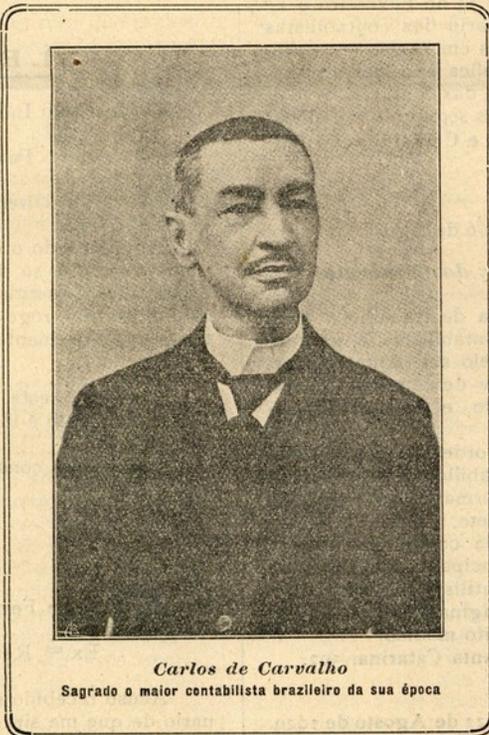
Era natural de S. Paulo, cidade onde se tem difundido notavelmente o amor á contabilidade, e o carinho pelos que a estudam e professam.

Ainda simples colector no interior, revelou tão extraordinárias aptidões, que foi elevado ao alto cargo de director da Contabilidade do Tesouro de S. Paulo.

A sua passagem por esse importante logar, ficou bem assinalada, pelos inestimáveis beneficios de ordem financeira, que trouxe a vários Estados e á União.

Lá organizou a escrituração por partidas dobradas, em harmonia com a escola italiana, que depois irradiou, por sua influencia para os estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro e Paraná, conforme as suas instrucções aos emissários dos respectivos governos, e aos do Governo Federal, tendo sido em 1914, igualmente estabelecida no Tesouro Nacional.

Em 1916 realisou uma importantissima conferencia, divulgada na integra pela imprensa de S. Paulo



**Carlos de Carvalho**  
Sagrado o maior contabilista brasileiro da sua época

nas paginas do nosso quinzenário, a algumas personalidades em destaque naquela Nação.

E, o Brasil tambem é nosso irmão. Estão lá entrelaçadas familias brasileiras com familias portu-

sobre a conveniencia da regulamenta-  
ção do exercicio do cargo de  
guarda-livros, acentuando a con-  
fiança e o bom nome que tal dispo-  
sição trazia á classe, de que o nos-  
so homenageado era uma autoridade  
sem rival, pelo menos no Brazil.

Atendendo ao apelo da Prefei-  
tura da cidade de S. Paulo, Carlos  
de Carvalho delineou o plano de  
remodelação da Contabilidade Mu-  
nicipal, e esclareceu, com as luzes  
do seu entendimento e da sua expe-  
riencia, o processo a seguir-se.

Não se limitou, sómente ao que  
pessoal e directamente fez, o  
valiosissimo concurso de  
Carlos de Carvalho para o aperfei-

çoamento da contabilidade no Brazil.

Transformou applicados discípu-  
los em verdadeiros mestres, que  
teem concorrido eficazmente para  
a implantação dos modernos pre-  
ceitos da contabilidade moderna  
nos negócios publicos.

Legou uma bibliografia fecunda  
e reputadissima, em que avultam  
obras didácticas de comprovado  
mérito, hoje lidas com prazer pelos  
entendidos em matéria contabilista,  
e por todos aqueles que se dedicam  
á vida comercial, em qualquer dos  
seus ramos.

Factos identicos aos que aqui  
ficam palidamente esboçados, con-  
stituem um privilegio de espiritos

eleitos e nunca poderão ser avalia-  
dos por uma simples resenha bio-  
gráfica, ou por qualquer discurs-  
so laudatório, em ceremoniosa ses-  
são de homenagem.

Não! Só o Tempo, o grande  
justiceiro, os consagra em definitivo.

E' o que tem sucedido com  
Carlos de Carvalho, cuja acção social  
e serviços de organização contabi-  
lista na administração publica da  
sua Pátria, tornaram o seu nome  
imortal, recomendando-o á estima e  
admiração de todos aqueles que  
falam a bela lingua de Camões e  
Olavo Bilac!

*Francisco Guimarães.*

## REFERENCIAS ESPONTANEAS

QUE AGRADECEMOS MUITO RECONHECIDOS

### IMPRESA

Da «*Revista Brasileira de Contabilidade*», de 1 de  
Junho de 1929.

«*A Voz do Comercio*» do Porto (Portugal)

Recebemos os n.ºs 4 e 5 de 15 de Fevereiro e 1.º  
de Março ultimo, deste quinzenario dos contabilistas  
do Norte de Portugal. Folgamos em registrar os pro-  
gressos deste periodico, que publica excelentes traba-  
lhos de vulgarisação da sciencia das contas.

Recomendamos a leitura dos seguintes trabalhos:

**Unificação dos balanços e Classificação Ra-  
cional das Contas no Razão**

Do «*Jornal de Noticias*», de 6 de Agosto de 1929.

«*A Voz do Comercio*»

Temos sobre a nossa meza de trabalho o n.º 9  
deste quinzenario, órgão dos contabilistas e guarda-  
livros, superiormente dirigido pelo snr. Antonio Mar-  
tins da Fonseca, ilustre professor de commercio, que se  
apresenta optimamente redigido e com magnifico  
aspecto grafico.

Inseres varios artigos de ordem tecnica como  
sejam: Crise economica, A contabilidade do preço do  
custo da industria, Inventario permanente, Origens da  
escrituração, Estenografia, etc., etc.

Sabemos que esta revista já conta uma grande  
quantidade de assinantes, principalmente entre os  
guarda-livros, a quem se torna utilissima.

Cada numero contem 16 paginas, impressas em  
otimo papel e o seu preço é muito modico.

A Redacção é na rua de Santa Catarina, 502.

De «*Comercio do Porto*», de 22 de Agosto de 1929.

«*A Voz do Comercio*»

Está publicado o n.º 10 deste quinzenario dos  
cantabilistas e guarda-livros dirigido proficientemente  
pelo Snr. Antonio Martins da Fonseca.

O presente numero desta revista tecnica referente

a Maio, que saiu com grande atrazo, contem, como  
sempre, variada colaboração da especialidade bem  
como as suas costumadas secções de literatura, arte e  
sciencia.

Inseres tambem, em editorial, um belo artigo sobre  
o actual ministro do commercio, Snr. Dr. João Antunes  
Guimarães relatando pormenorisadamente a já longa  
carreira social do distinto homem publico, cujo retrato  
publica na 1.ª pagina.

Pela sua interessante factura, esta publicação  
merece ser lida por todos os interessados na contabi-  
lidade e na escrituração bomercial.

### LEITORES

Do Instituto Industrial e Comercial do Porto.

Porto, 23 de Fevereiro de 1929.

Ex.º Snr. Director de «*A Voz do Comercio*».

Agradecendo o exemplar n.º 2 de «*A Voz do  
Comercio*», que se dignou enviar para o Gabinete de  
Leitura deste Instituto, e achando essa revista mui-  
to interessante, rogo-lhe se digne considerar este Ins-  
tituto como assinante.

Aproveito este ensejo para o felicitar pelo seu  
empreendimento e lhe desejar completo exiro.

Com toda a consideração, sou de V. etc.

O Director

*Alfredo da Silva*

Santarem, 23 de Fevereiro de 1929.

Ex.ª Redacção de «*A Voz do Comercio*»

Acuso recebido os numeros 1 e 2 do V. Quinze-  
nario de que me sirvo dizer a V. que gostosamente li,  
notando que veio preencher uma lacuna importante  
no meio comercial.

Disponha sempre do de V. etc.

*Antonio Mendes*

# SECCÃO TÉCNICA

## BANCOS COLONIAES QUESTÕES ORGANICAS

(Continuação)

Continuando a serie de considerações que abor- damos no nosso artigo anterior, começaremos por dizer que temos pela França uma extraordinaria admiração e sômos dos que a consideram como o «cerebro do mundo», de onde partem todas as grandes ideias, todas as grandes expressões da mentalidade humana, de onde dimana toda a luz da sciencia nas suas multiplas e diversissimas manifestações.

Mas a França, digamos o pôvo francês, é suscetivel de perturbações de ordem espirital, de ordem metafisica, as quaes se tem evidenciado em varias ocasiões que a historia universal regista. Depois, passada a perturbação, passado o acesso, diminuida a febre, o doente recupera a pouco e pouco a plenitude das suas extraordinarias faculdades e remedeia os erros cometidos durante o seu estado anormal.

Ora acontece que a França está, ha uns anos a esta parte, atacada seriamente, duma doença que os psicologos e os psiquiatras combinaram denominar «americanite».

A doença tem manifestações graves que podem ser fulminantes; mais, em regra, apenas se manifesta pela anormalidade das ideias, pelo exotismo dos processos. E' curavel sem medicamentação especial; desaparece pelo decorrer do tempo.

A França, a partir de 1918, começou a sofrer a acção do povo americano que o acaso da guerra levou, ás centenas de milhares, até aos campos da Champagne primeiro e até aos cabarets de Paris, acabada a guerra.

A valorisação do dollar, a fascinação do ouro dos muitos milionarios que a America produz para uso interno e para exportação, as manifestações de vida, a feição psiquica desse pôvo nôvo, sem historia, sem tradições, e, virtualmente, sem sentimentos lismos apurados, tendo por Deus o ouro e por religião a ambição de braço dado com o egoismo, tudo isso suggestionou a França e esta, esquecida da sua historia, do seu passado de gloria e grandesa e até do seu presente que vibra ainda pela heroicidade dos seus generaes, sempre soberana pela assombrosa mentalidade dos seus sabios, dos seus literatos, dos seus poetas, desatou a macaquear sabujamente o pôvo americano a copiar-lhe os processos da sua organização industrial e comercial, esquecida de que as condições em que a America exerce a sua atividade são bem diversas daquelas em que a França tem vivido e vive; esquecida de que a mentalidade latina é inadaptable aos exotismos americanos e de que a modalidade civica do cidadão americano, a estrutura social, politica e economica da America, nunca poderão servir de modelo á velha raça gaulesa, feita de cavalheirismo e panache, de gestos belos e nobres ações.

E foi assim que a França começou a introduzir na sua industria os processos de Taylor, sem que até agora tenha tirado dessa applicação os resultados que eram de esperar, por isso que exagerou, nalguns casos, a applicação desses principios; passou a querer applica-los a tudo, desde a industria do ferro ou dos tecidos, até á mais comestinha função, como o barbear, como o pintar taboetas ou descascar batatas.

A organica funcional dos bancos não escapou a esse ataque da americano-mania e eis-nos caídos nesta coisa espantosa de querermos criar um *cliente-tipo*, um *cliente standard*, como quem cria uma marca de vélas para motores de explosão ou um tipo de maquinas para fabricar gelo.

Não é uma afirmação gratuita que fazemos. Consulte-se a importante revista técnica «Banque» de dezembro do ano findo e lá encontraremos estes períodos:

«Il est impossible, prétend-on, d'appliquer aux problèmes de la distribution des méthodes semblables à celles employées pour résoudre ceux de la production. Pour produire et perfectionner les moyens de production, il faut é étudier et attaquer la matière qui peut être scientifiquement et matériellement définie en ses qualités et en sa puissance d'inertie ou d'action; pour distribuer ou vendre, il faut, au contraire, étudier et attaquer des individus ou des marchés composés de consommateurs, dont il est impossible de connaître les sentiments, les idées, les préférences ou les tendances; là, les principes scientifiques restent sans prise.»

Até aqui o autor do artigo, que não sabemos quem seja, pois apenas assina com a letra X, fala com senso, com conhecimento nitido das coisas e da alma humana. Mas, de repente, perde o bom senso da sua mentalidade latina e continua nestes termos:

«Il est facile de répondre que *l'individu-personnalité* tend de plus en plus, quant à ses habitudes de vie matérielle, disparaître, pour faire place à *l'individu-standard* dont le type est plus prononcé aux Etats Unis qu'en Europe, mais qui, apparu en France, tend à s'y développer rapidement.»

O *homem-tipo!* Portanto, a *mulher-tipo!* Diz o autor que em França o *individuo-personalidade* tende a ser substituido pelo *individuo-tipo* ou *individuo-modelo*.

De modo que esta utopica maneira de dividir o genero humano em *tipos*, dá lugar á creação de meia duzia, apenas, de *grandes tipos* de homens e de *grandes tipos* de mulheres, o que decerto, servirá para taylorismos toda a nossa vida material e imaterial.

Desaparece a necessidade de pensarmos, porque as ideias formarão, consequentemente, dois ou tres

*Aquele que não ler o que escrevem seus colegas e os mestres perde a oportunidade de progredir, porque vive na ignorancia do resultado dos estudos e da experiencia dos outros.*

U. L.

## A LEGALIDADE DOS DOSSIERS DE CORRESPONDENCIA

A lei belga impede de adoptar o metodo pratico dos Americanos, que consiste em reunir, num *dossier*, as copias das cartas enviadas?

Penso que não.

Não é preciso interpretar artificialmente os textos. Quando a lei de 1872 foi votada, não se conjecturava a existencia dos metodos americanos e, nessa epoca, copiar a correspondencia num registo *ad hoc*, parecia o unico meio de conservar uma prova fiel das cartas expedidas.

A questão concentrou-se, especialmente, em saber se o legislador que empregou a palavra *registo*, quiz excluir um processo cujas vantagens eram então desconhecidas. Cremos que o não podemos assegurar.

A razão de ser do *copiador*, é o permitir que se conheçam as provas dos contractos comerciais. Mas, não esqueçamos que a apreciação deste assunto é deixado sempre ao arbitrio do Juiz.

Os livros de comercio regularmente escriturados podem ser admitidos pelo Juiz para fazer prava entre comerciantes em litigio, diz o art.º 20 do Codigo. Um dossier de cartas copiadas, em que cada uma é cotada art.º 18) e figura na sua devida data, (art.º 19), um dossier regularmente escriturado segundo o metodo em questão, inspirará tanta confiança ao Juiz como um registo; evidentemente se se trata de um pirata do comercio, podemos objectar o que é facil suprimir uma carta que foi realmente escrita e substitui-la no dossier por uma ficticia. E' verdade; mas não devemos perder de vista, que a carta copiada se pode verificar pela que foi enviada ao destinatario e, por consequencia, se o subterfugio ao qual nos referimos é possível, ele não é de temer.

Quanto ao mais, o *copiador* não impede absolutamente nada a fraude; logo que uma carta figure ali, não quiere dizer, que realmente ela tenha sido enviada ao destinatario, e isto é tão verdade que os tribunais decidem que a producção do *copiador* constitue sómente uma presunção favoravel, e não pode só, sem outra justificação, fazer prova das operações de comercio (Trib. corr. Seine, 15 Junho 1877. P. fr. p. r. 90-2-8).

Finalmente, nada impede o comerciante, levado por um excesso de escrupulos, a conformar-se com a letra da lei, de fazer encadernar todas as cartas que

grupos de *ideias tipos*; de sentirmos porque, segundo as circumstancias, convencionar-se-ha que exprimimos somente alguns dos *sentimentos tipos*, como o *amor-tipo*, a  *piedade-tipo*, segundo varias *formulas tipos*, a horas certas, durante tantos minutos e tantos segundos, etc., etc..

Com esta redução de tudo o que existe de material e de imaterial a *tipos*, a *standards*, é facilimo mecanisar a vida. Assim, cada um de nós, conhecedor do *tipo-homem* a que pertence, na *altura-tipo* da idade propria para casar, adquire uma *mulher-tipo*, do tipo correspondente na tabela, ao nosso. Tem por ela o *amor-tipo* da tabela, realisa a *felicidade-tipo* que lhe compete na escala da felicidade e desata a ter *merinos-tipo* que crescerão segundo a graduação estabelecida em qualquer taboa de crescimento para uso dos varios tipos de matrimonio. Mas que *grande-tipo* nos saiu o autor do artigo da revista citada!

Diriamos que êle estava a divertir-se com o publico, com a criação do *cliente tipo* para os bancos, se não tivesse escrito, no principio do mesmo artigo, as palavras que transcrevemos e que destroem toda a obra do projecto de organização das agencias bancarias que depois apresenta:

«Par la création d'un système d'Agences, une entreprise bancaire tend vers un double but: faciliter,

fez copiar, desde que elas formem um *dossier* bastante volumoso para constituir um registo.

Mas tome ele ou não essa precaução, o cuidado dos Tribunais, como fez observar M. Namur (Cod. do Com. t. 1. n.º 215) será sempre em reconhecer a probidade comercial, primeiro que a regularidade da contabilidade. E' o que a jurisprudencia tem consagrado por numerosos acordãos. (Cour de Cassation, arrêtu du 2 Avril 1840—Pas. 1840, pag. 334. Cour d'Appel de Gand, 15 Juillet 1893—Pas. 1895, II, 82—et 8 Juillet 1897—Jur. des Fl. 1898, p. 274 et Cour de Liège, 23 Décembre 1869, Pas. 1870, p. 214).

**E. Mawat.**

Professor da Escola dos Altos Estudos Comerciais, Consulares e Coloniais de Liège.

### A LEGALIDADE DAS FOLHAS MOVEIS

O emprego das folhas moveis, tão vantajoso tecnicamente, não é causa de erros juridicos, contanto que os lançamentos sejam claros e bem elaborados, de *contrôles* facéis e apoiados em peças justificativas convincentes. Se se empregar simultaneamente alguns livros recapitulativos cozidos, resumindo as operações anteriormente consignadas, com detalhes em folhas separadas, será dada satisfação ás preocupações dos mais timoratos; terão conciliado a lei tal como existe e as necessidades da industria moderna, tais como elas se manifestam, cada dia com mais intensidade.

A contabilidade é a classificação de cifras e as cifras proveem de operações que dão origem a um documento: factura, letra, bordereau, recibo, extracto, etc.; por consequência todo o lançamento contabilista pode ser caucionado por uma peça.

O melhor método de contabilisação é o que permite:

- (1) Classificar o mais rapidamente possível as cifras representativas de operações economicas.
- (2) De verificar o mais rapidamente possível a exactidão das inscrições contabilistas.
- (3) De conhecer o mais rapido e frequentemente possível a situação activa e passiva da Empresa.

A Contabilidade em folhas moveis permite, melhor de que qualquer outro sistema, obter, em bastantes casos, esses resultados.

Compilação de: **B. G.** **G. Faure Rachou**

d'une part, à la clientèle acquise les opérations auxquelles elle doit avoir recours et permettre à ses agents de rappeler plus souvent les services que peut rendre la banque; d'autre part, se rapprocher de la clientèle à atteindre, et, dans un but moins immédiat, se créer une certaine notoriété locale.

Ces buts ainsi définis sont ceux poursuivis par toute entreprise commerciale; ils demandent cependant, suivant la nature de cette entreprise, des qualités fort diverses, mais toujours réelles.

Cet ensemble des qualités commerciales est nécessaire à tout préposé chargé de la direction d'une Agence; il est d'autant plus difficile à réunir que le but à atteindre s'éloigne des transactions commerciales de nécessité courante, et se rapproche davantage des intérêts de chacun des clients.

C'est ainsi que le gérant d'une Agence organisée selon la méthode généralement adoptée—et où l'initiative joue un si grand rôle—doit réunir un ensemble de qualités qui, souvent, ne sont point en rapport avec l'importance de la clientèle à servir et le chiffre d'affaires possible et qui, par conséquent, pourraient être employées plus utilement.

C'est de cette constatation qu'est née la nécessité de la division du travail et de sa préparation».

(Continua)

QUIDAM.

## CONSULTAS JURIDICAS DE COMERCIO

Esta secção foi fundada e é mantido por especial obsequio do Ex.º Sr. Dr. Abeilard Teixeira para com «A Voz do Comercio».

Podem recorrer a ela todos os assinantes deste Quizenario que não estejam em debito.

Só se admitem consultas sobre assuntos comerciais; todas serão gratuitas.

### Consulta n.º 5

Uma sociedade por quotas, cujo inicio foi ha cerca dum ano, e que até hoje nunca teve escrituração montada, tem necessidade de regular a sua situação. Não havendo elementos das transacções efectuadas, como digo, até esta data, que permitam a montagem da escrita desde o seu inicio, pergunto:

I Deverá constar duma Acta o estado actual em que a escrituração se encontra?

II Que inconvenientes ou que vantagem haverá nisso?

III Como deverá sêr feita a abertura? pelo contracto social ou por um balanço dado nesta data?

### Resposta

Os elementos fornecidos pela consulta não são tão completos como seria para desejar. Nada dizem sobre o contracto social.

I—II Não vejo inconveniente em que numa acta se constatem a falta de escrita e de elementos para a organizar. E parece-me vantajoso que isso se faça,

para justificar o facto de só agora se montar a escrita e esta se referir só ao presente.

Alem disso, se algum socio tiver responsabilidade naquelas faltas, podem os outros socios responsabilisa-lo por elas, ou ilibalo dessa responsabilidade assumindo-a solidariamente.

III O primeiro livro a escriturar é sempre o de «Inventario e Balanços», pois, por este se fixa o capital.

Não diz a consulta como foi constituído o capital se foi em dinheiro, se em valores, ou parte em dinheiro e parte em valores; se foi integralmente realiado no acto da escritura, se o foi posteriormente e como.

O 1.º lançamento do livro de «Inventario e Balanços» deve fazer-se em face da escritura, para assim se determinar o patrimonio social e o limite da responsabilidade dos socios.

A seguir deve proceder-se a inventario para determinar a modificação sofrida pelo capital, isto é, determinar os valores que atualmente o representam.

Procede-se a seguir ao balanço, isto é, determina-se a diferença entre o activo e o passivo, ou seja o capital actual.

Determinado este, movimenta-se o Diario e os demais livros necessarios.

*Abeilard Teixeira.*

## PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmética para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

### Problema n.º 6

As contas do «Razão» da firma A, apresentaram no fim do ano, antes do inventario, os seguintes saldos:

Capital		180.000\$ —
Moveis e Utensilios	45.000\$ —	
Mercadorias	7.800\$ —	
Letras a Receber	13.500\$ —	
Caixa	60.000\$ —	
Devedores	48.000\$ —	
Credores		17.400\$ —
Letros a Pagar		3.000\$ —
Despezas Gerais	26.100\$ —	
	200.400\$ —	200.400\$ —

Procedendo-se ao inventario, verificou-se o seguinte:

1.º Que a existencia em mercadorias era de 47.100\$ —.

2.º Que faltava uma estante, que figurava na conta «Moveis e Utensilios», a qual fora vendida a credito, por 900\$ —, a Francisco Mendes Ferreira, mas cujo lançamento não se fizera por lapso.

3.º Que na conta «Credores» havia um credito de 5.000 francos de Auguste Lambert & C.º, lançado ao cambio de \$78,5, o qual fôra pago a \$79, antes do balanço.

4.º Que as restantes contas conferiam.

Deseja-se:

Os necessarios lançamentos no «Diario» para encerramento do «Balanço».

## O que se recebe por serviços prestados

**Jornal.** Retribuição dum dia de trabalho.

**Salario.** Retribuição de serviços feitos aos dias ou ás horas.

**Ferías.** Soma dos salarios duma semana.

**Pré ou pret.** Retribuição diaria dum soldado.

**Soldo.** Retribuição dos serviços dos militares.

**Soldada.** Retribuição da equipagem dum navio.

**Ordenado.** Retribuição dum empregado.

**Vencimentos.** Retribuição dos Corpos Gerentes das grandes emprezas (Bancos e Companhias).

**Honorarios.** Retribuição dos que exercem uma profissão liberal, como medicos, advogados, architectos etc. etc.

**Gorgeta.** Gratificação a cocheiros, chauffeurs, etc.

**Bebida.** Dinheiro para pagamento da bebida.

**Gratificação.** Retribuição de serviços extraordinarios.

**Comissão.** Retribuição dos agentes, commissarios, consignatarios, etc.

**Corretagem.** Retribuição dos corretores.

**Delcrédere.** Percentagem sobre a parte das vendas duma consignação, efectuadas a credito, e por cuja liquidação final o consignatario se responsabilisa.

**Luvás.** Brinde em reconhecimento dum serviço.

Funchal.

*Carlos José Guerra.*

# MONOGRAFIA

## CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

	DEVE		CAIXA		HAVER		
1899 Jan.º	19	Saldo de 17 . . .	846.944\$330	1899 Jan.º	19	<b>Credit Parisien s/c</b>	
		<b>Depositos em c/ corrente, S. Paulo</b>				Selos afixados em suas remessas 658/9 . . .	43.100
		G. de Lemos . . . 33.000\$000				<b>Depositos em C/ Corrente, S. Paulo</b>	
		A. de Castro . . . 2.000\$000	35.000\$000			Azevedo & C.ª, cheque n.º 101 . . . . .	1.500\$000
		<b>Descontos</b>				<b>Empréstimos a Descoberto</b>	
		Dos TD/SP. 12/15.	110\$000			Lino & C.ª, cheque n.º 21 . . . . .	3.000\$000
		<b>Empréstimos Garantidos, S. Paulo</b>				<b>Harris Bank s/c</b>	
		Pereira & Raul . . .	1.000\$000			Selo para suas remessas n.º 1936/9 . . .	90\$000
						<b>Titulos Descontados em S. Paulo</b>	
						Pago pelos TD/SP. 12/45 . . . . .	7.000\$000
						Saldo para 21. . . . .	11.633\$300
			883.054\$330				871.421\$030
							883.054\$330
Jan.º	21	Saldo de 19 . . .	871.421\$030	Jan.º	21	<b>Empréstimos Garantidos «Santos»</b>	
		<b>Caixa Filial de S.ª Catharina, c/c</b>				Cotti & C.ª, cheque n.º 2 . . . . .	5.000\$000
		Emissão do cheque n.º A 2. . . . .	5.000\$000			<b>Depositos em C/ Corrente «S. Paulo»</b>	
		<b>Comissões</b>				Azevedo & C.ª, cheque n.º 102 . . . . .	10.000\$000
		1 % do cheque n.º A 2 e 1/10 % do pagamento s/ Santos . . .	63\$000			José de Melo, cheque n.º 61 . . . . .	3.000\$000
		<b>Descontos</b>				<b>Titulos Descontados em S. Paulo</b>	
		Do TD/SP. 23 . . .	3\$750			Pago pelo TD/SP. 16. . . . .	1.500\$000
		<b>Emissão</b>					
		Notas de 50\$000 de n.ºs 10\$001 a 20\$000, 1.ª série . . . . .	500.000\$000				
		<b>Ordens de Pagamento s/ Santos</b>					
		Recebido de L. Tavares para pagar a Santos Junior, c/ Felício Lütz . . . . .	13.000\$000				
			1389.487\$780			Saldo para 23. . . . .	19.500\$000
							1369.987\$780
							1389.487\$780

(Continua)

Horacio Berlinck

# O VALOR DA CONTABILIDADE

Na conquista dos conhecimentos e na descoberta da verdade a intelligencia humana, pela sua limitação, não pode vêr tudo de um só jacto; necessita de caminhar lentamente, sucessivamente de verdade em verdade, até alcançar o seu objectivo, realisando assim o seu destino. Numa palavra, necessita de proceder com método. E, quer proceda *analítica*, quer *sinteticamente*, deve ter sempre presente as regras formuladas por Descartes:

1.ª Não aceitar como verdade se não o que reconhecemos evidentemente por tal;

2.ª Dividir cada uma das dificuldades em tantas partes quantas possível e se requerem para melhor as resolver;

3.ª Conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objectos mais simples e mais faceis de conhecer;

4.ª Fazer enumerações tão inteiras e resenhas tão geraes, que nos fique a certeza de nada havermos omitido.

Na resolução do problema que se nos propõe é a «comparação» a operação da intelligencia que nos ha-de conduzir ás conclusões seguras a que possamos chegar. Para este resultado importa:

a) Procedermos á análise de todos os elementos economicos na industria de cada empresa;

b) A' synthese comparativa de todos esses elementos.

## Dumarchey

### Théoris Positive de La comptabilité

Consideramos a contabilidade operando inteiramente sobre a noção do Valor, facto social de capital importancia e concluímos que éla pertence ao grupo das sciencias sociaes e não ao grupo das sciencias mathematicas.

Não nos deteremos na definição da escrituração, arte de applicação que é para a contabilidade o que a Agrimensura é, por exemplo, para a geometria e chegamos emfim á definição de Conta.

Quanto a nós, ha duas categorias geraes de contas: contas geraes ou de utilidades capitalistas e contas pessoasas.

O objecto de toda a sciencia é responder a duas questões inversas uma da outra, cuja solução mais ou menos satisfatoria, mais ou menos aproximada, mede o seu grau de perfeição.

1.ª Do concurso de taes ou taes circunstancias, de taes ou taes fenomenos, qual será o resultado?

2.ª Quaes circunstancias, quaes fenomenos se deverão encontrar para que tal ou tal efeito se produza?

A arte depende especialmente d'esta ultima questão e consistirá simplesmente para o homem em compor a força livre que reside nêle com as forças exteriores de tal sorte que a resultante produza o efeito que êle deseja.

Ha na elaboração positiva de uma sciencia duas fases, uma de diferenciação, outra de integração. Na primeira parte-se da realidade complexa e esforça-se por chegar, pela análise, a um elemento simples, constante, de cuja determinação subjectiva resulta o conceito fundamental, o atomo.

A partir deste momento começa a fase synthetica, ou de integração, na qual se agruparão os elementos em classes do primeiro grau, estas em classes do segundo grau, e assim seguidamente, para voltar final-

mente a uma imagem subjectiva da realidade que será tanto mais adequada quanto o conceito primitivo tiver sido melhor construido.

E' pois á Biologia que precede imediatamente as sciencias sociaes que nos devemos dirigir.

E' na zoologia que nós temos escolhido um tipo de serie.

O elemento biologico é a celula cuja integração renovada nos dá sucessivamente os tecidos, os órgãos, os aparelhos e os organismos.

Procurar e formular as relações de coexistencia das classes, constitue a primeira parte de uma sciencia: a Estática.

Estudar e estabelecer as leis segundo as quaes as classes variam na sucessão do tempo, constitue a Dinamica.

A Biologia Estatica, por exemplo, denomina-se Anatomia e Histologia; a Biologia Dinamica denomina-se Fisiologia,

Deveremos pois ensaiar lançar os fundamentos de uma Estatica, depois de uma Dinamica contabilistas.

Tal é o ponto de vista no qual nos collocámos para a elaboração da teoria positiva da Contabilidade.

### Teoria do Valor

O Valor é a pedra angular da Contabilidade, como éla é, segundo Proudhon, a da Economica Politica. Importa pois estabelecer e delimitar rigorosamente o conceito.

Cento e cincoenta anos de descobertas e de disputas não o conseguiram até ao presente, definitivamente.

O trabalho é o antecedente do valor.

Uma vez estabelecida a divisão do trabalho, cada homem não produz pelo seu trabalho, senão uma pequena parte da satisfação das suas necessidades.

A maior parte delas não pode ser satisfeita senão pela troca do excesso do que ele produz contra o excesso do trabalho dos outros.

Assim, cada homem subsiste de trocas ou torna-se uma especie de comerciante; e a mesma sociedade é propriamente uma sociedade comerciente.

Trata-se pois de procurar as condições que determinam o valor de troca das mercadorias, isto é:

1.º Qual é a verdadeira medida deste valor, ou em que consiste o preço real das mercadorias;

2.º Quaes são as diferentes partes integrantes que compõem este preço real;

3.º Emfim, quaes são as diferentes circunstancias que ora elevam qualquer ou a totalidade destas diferentes partes acima da sua taxa; natural ou ordinaria ora as baixam abaixo d'esta taxa; ou ainda quaes são as causas que impedem que o preço do mercado, isto é o preço actual das mercadorias, não coincida com o que se pode chamar o seu preço natural.

O trabalho é pois a medida real do valor de toda a mercadoria.

Para Adam Smith, o trabalho é a medida real do valor.

Desde então pode-se exprimir o valor de uma coisa pela quantidade de trabalho que ela representa: esta expressão será o seu preço real.

Mas pode-se igualmente exprimir este valor pela quantidade de tal ou de tal mercadoria que se possa obter em troca, em dinheiro, por exemplo, e a expres-

# ENTRE LEITORES

## Consulta n.º 13

Ao tomar o encargo de regularizar a escrituração em atraso, da sociedade por cotas entre A e B, verifiquei:

Que o guarda-livros meu antecessor iniciou a escrituração com os lançamentos seguintes:

### DEVEDORES E CREDORES

a CAPITAL

### CAIXA

a DEVEDORES E CREDORES

em vez de:

### COTAS

a CAPITAL,

etc.

Que a cota do socio A havia sido penhorada e posta em praça, sendo arrematada pelo socio B, sem que lançamento algum se efectuasse.

Que posteriormente á penhora da cota do socio A e anteriormente á arrematação, realiso a sociedade o seu Balanço anual e verificou um deficit que absorveu o capital social, bem como todos os fundos de reserva.

Que o credito aberto em c/ corrente com o Banco X, estava caucionado por letra aceite pelos socios individualmente e sacada por um terceiro estranho á sociedade, sem que tal caução constasse da escrituração.

Havendo desacordo entre varios opiniões que pretendem solucionar estes casos, ser-me-ia muito agradável conhecer o parecer dos leitores sobre a maneira mais pratica e perfeita de os solucionar.

*Nemo.*

são assim obtida será desta vez, o preço nominal.

Para A. Smith, o tipo constante que mede o valor é o trabalho. Mas o que é uma quantidade de trabalho? Segundo Smith, não é preciso sómente ter em vista o tempo empregado na conclusão de um trabalho, mas o grau de fadiga ocasionado por este e a habilidade que é preciso desenvolver. A unidade de trabalho é pois producto de três unidades elementares.

De facto é sempre segundo a relação dos seus preços no nominaes que em um mesmo tempo se julga daquêllos dos valores de quaesquer productos, e esta preferencia, desapercibida dos economistas, tende simplesmente a provar que o metal monetario é o tipo mais homogeneo á opposição do trabalho, por exemplo, cuja unidade quantitativa parece bem, como temos visto, inassinavel.

## Resposta á consulta n.º 11

Para se harmonisar o que diz a escritura com a forma, como de facto, foi constituído o capital social, tem de fazer-se os seguintes lançamentos:

### DIVERSOS A CAPITAL

Pelo capital com que se constituiu a sociedade.... conforme escritura etc.

A—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	
B—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	
C—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	90.000\$00

### CAIXA A DIVERSOS

Recebido dos seguintes:

a A—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	
a B—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	
a C—C/CAPITAL . . . . .	30.000\$00	90.000\$00

### DEVEDORES E CREDORES A CAIXA

Pago pelas seguintes retiradas:

A—C/particular . . . . .	10.000\$00	
B—C/particular . . . . .	20.000\$00	
C—C/particular . . . . .	30.000\$00	60.000\$00

### DIVERSOS A DEVEDORES E CREDORES

a B—C/particular

Pela cedencia que nos faz dos seguintes valores do s/ Activo:

MOVEIS E UTENSILIOS . . . . .	20.750\$00	
MERCADORIAS . . . . .	80.845\$00	
DEVEDORES. . . . .	31.410\$00	

a C—C/particular

### LETRAS A RECEBER

S/ aceite, n/ saque . . . . .	30.000\$00	163.005\$00
-------------------------------	------------	-------------

### DEVEDORES E CREDORES

A DIVERSOS

B—C/ particular

Pelos seguintes valores do s/ Passivo, cuja liquidação fica a n/ cargo:

a CREDORES . . . . .	18.370\$00	
a LETRAS A PAGAR. . . . .	30.000\$00	48.370\$00

### DIVERSOS A LETRAS A RECEBER CAIXA

Recebido pelo producto liquido do desconto do n/ saque. . . . .

	28.050\$00	
--	------------	--

### DEVEDORES E CREDORES

C—C/ particular

Pelos juros do desconto do n/ saque, n/ aceite. . . . .

	1.950\$00	30.000\$00
--	-----------	------------

Porto, 1930

*Araldo Moreira.*

Mas é evidente que a relação entre o valor de um producto em um dado momento, com o valor do mesmo producto em outro tempo, não seria alcançada pelo mesmo processo. Sém indicar claramente os motivos, A. Smith apresenta, como mais proprio a esta função, o trigo. Ele exprime que os metaes preciosos conveem menos, porque o seu valor varia pouco de um instante a outro instante, pouco distante do primeiro, e consideravelmente se trata de um periodo extenso; e que o trigo conveem melhor, porque apresentando por vezes, segundo as colheitas, desvios consideraveis de valor de um para outro ano, o seu valor medio, para periodos sufficientemente longos, é aproximadamente constante.

(Continua).

*Alves de Matos.*

D'O ESCRITURARIO, numero comemorativo do 6.º anniversario da fundação da Associação de Classe dos Empregados de Escritorio de Lisboa.

## O VINHO DO PORTO E AS PESCARIAS

(Continuação)

A seguinte carta que extrai d'uma correspondencia volumosa, parece prever os embaraços que os portugueses procuraram levar a efeito nos armazens de vinhos dos inglezes:

Porto, 19 de Novembro de 1704.

Meu Pae. Desde a ultima carta que lhe escrevi, tenho estado com o snr. Lee, o nosso consul, n'uma pequena taberna, á rua Nova, e tenho conversado com ele ácerca da maneira como as auctoridades se comportarão para com o nosso commercio. O snr. Lee diz-me que há más vontades contra nós, tanto mais que o principal commercio do paiz está nas nossas mãos, e acrescenta que os tratados commerciaes são a nosso favor. Entre os portugueses ha o desejo de manterem uma fiscalização nos nossos armazens, de modo que temos de subornar os empregados, afim de podermos fazer o negocio. Os lavradores parecem-me bastante honestos, mas os empregados da Alfandega são uma classe má e eu temo que tudo isto destrua o nosso commercio. Fala-se muito em que o governo vai lançar um pesado tributo sobre nós. Em todo o caso esta gente não ficará satisfeita sem nos atirar a todos para fóra do paiz.

Com esta remeto o meu «Diario» da viagem á Regoa em companhia do snr. Stert. Com a mais humilde obdiencia, seu filho — **Tomaz Woodmass.**»

«Diario» de Thomaz Woodmass:

Porto, 25 de Setembro de 1704.

«A's sete da manhã partimos, eu e o snr. Stert, para a Regoa, a cavallo. Os habitantes atiram com todos os residuos para as ruas, as quaes não são ainda calcetadas, e o mau cheiro é horrivel. Ao deixarmos a cidade tomamos por uma estrada de onde se divisa um lindo panorama, até que alcançamos Valongo, uma vila de barulhentos padeiros e esqueléticos porcos. Aqui os nossos cavalos comeram umas sopas de vinho e pão de centeio, e eis-nos de novo a caminho, constantemente incomodados pelas moscas e pela poeira, até que alcançamos Penafiel. Aqui passamos a noite, e tivemos de dormir sobre as mesas por causa dos percevejos.»

Penafiel, 26 de Setembro de 1704.

«Esta pequena cidade está muito bem situada no monte de Santa Catarina. Ha apenas uma rua cheia de mendigos e frades. Ao cabo de uma hora alcançamos Ucanha (2), onde fomos encontrar três negocian-

tes inglezes, a saber: os snrs. João Clark, Phayre e Pratt, os quaes dormiram em Penafiel, e formaram tenção de nos fugir, mas um dos cavalos perdeu uma ferradura e tiveram de ficar para traz. Em Vila Meã jantamos todos juntos na cozinha de uma estalagem, onde a cozinheira, com uma comprida faca, cortou a cabeça a um galo, depenando-o em seguida. A comida era intragavel e o vinho azedo, mas nós estávamos esfo-meados. Depois do jantar passamos por Pedre (3), onde avistamos lindos pomares de laranjas. Ali a estrada é muito escarpada. Aqui ha uma linda ponte construída por Santo Antonio (4) sobre o rio Tamega.»

27 de Setembro de 1704.

«De manhã partimos para Quintella e d'aqui para Mesão-Frio... (N'este ponto extraviaram-se algumas paginas do «Diario».)

30 de Setembro de 1704.

«O calor é tão intenso que a respiração torna-se difficil.

O vinho está a 135000 reis a pipa, mas a vindima d'este anno não é abundante. Hoje jantei com o snr. Campion, que está aqui a tratar dos seus negocios. Amanhã jantarei com o seu velho amigo snr. J. B. e mais alguem. Chegaram cartas do Porto; sinto muito ter de informar que o nosso praticante morreu. Foi enterrado na areia, na baixa-mar. O snr. Stert adoeceu com sezões, mas, graças a Deus, já está bom. Os tanoeiros estão aqui a trabalhar. Até agora gastei uma coisa como três libras e dezasete shillings.»

As videiras eram plantadas ao longo dos campos, apoiadas a arvores, e os lavradores raras vezes tinham mais de cinco pipas para vender. O vinho era pago ou a dinheiro ou trocado por manufacturas de algodão. Viana era o principal porto de importação do bacalhau da Terra Nova, e de facto para os inglezes era quasi mais importante do que o Porto. A colonia inglesa em Viana, posto que pouco numerosa, era importante; mas antes do meado do seculo passado,

(2) Deve ser a povoação de Cocanha, na freguesia de Croca, a cinco kilometros de Penafiel.

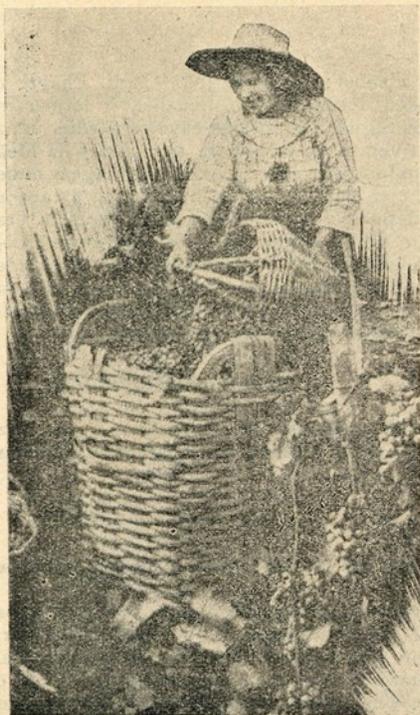
(3) Pidre, a meio caminho entre Vila Meã e Amarante.

(4) Queria talvez dizer S. Gonçalo. E', de facto, uma ponte bem delineada, devendo ser obra do tempo do dominio romano. Arruinou-se, como todas as obras antigas, e a reedificação é atribuida a S. Gonçalo de Amarante. (Notas do trad.)



Vista panoramica da cidade do Porto

Na margem esquerda do rio, os armazens de vinhos do Douro em Vila Nova de Gaia



No Douro. Vindimadeira lançando uvas para dentro dum cesto de condução

não havia ali mais de meia dúzia de famílias inglesas. Quando nos lembramos que a correspondencia acima foi escrita cento e cinquenta annos antes da guerra peninsular, e que o commercio de vinhos do Porto era então uma instituição estabelecida, podemos apreciar, no seu verdadeiro valor, a historia dos nossos antepassados em Portugal. A primeira carta de privilegio foi outorgada no reinado de Eduardo III de Inglaterra, mas foi no tempo de Cromwel que os documentos do Estado se tornaram de grande interesse para nós. N'um destes documentos, Lord Protector dá instruções ao coronel Popham, seu representante em Lisboa, para informar o rei de Portugal acerca do seu grande desejo de conservar a antiga aliança, mas se os negociantes ingleses que se achavam presos não fossem immediatamente postos em liberdade e indemnizados

rasoavelmente pela sua prisão violenta, a esquadra ingleza sairia da baia de Weyres (Oeiras) e viria atacar Lisboa, até que «o rei, nosso querido alliado, dêsse resposta á nossa reclamação». O coronel Popham, felizmente, não precisou de chamar a esquadra.

Foi decididamente durante o Protectorado de Oliver Cromwel que os ingleses no Porto e Viana foram mais bem succedidos.

Nos documentos do Estado, a que já me referi, o caracter de Lord Protector é quasi fotografado.

Parece que ele penetrou mais profundamente o genio dos portuguezes do que o pôde fazer a presente geração.

(Continua)

Braz Porto.



As uvas para a merenda



Conduzindo um cesto de uvas para os lagares  
A carga não o impede de tomar parte  
na tocata



Um vindimador possante

**Este numero foi visado pela Comissão de Censura**

# CONTABILIDADE APLICADA ÀS COMPANHIAS DE SEGUROS

(Continuação)

Já vimos como a digrafia dispõe os elementos indicadores das receitas e das despesas do segurador; mas como se trata de mutações relacionadas intimamente com o patrimonio da empresa, para bem classificar este patrimonio, cumpre saber que as responsabilidades do segurador tem como garantia, o *capital social*; as *reservas technicas*; os *premios effectivos*; as *reservas preventivas* e os *lucros produzidos pelos seus capitais*.

Estes elementos não são immutaveis; ao contrario modificam-se e podem mesmo alterar quaesquer previsões.

Ora, é da consistencia dos lucros que provém a maior segurança do patrimonio.

Assim sendo, a formação da *reserva preventiva* é uma condição essencial.

De facto, ás *reservas technicas* não se pode attribuir uma função differente da que lhe é limitada pela sua propria natureza, pois que, instituidas normalmente e reunidas aos premios liquidos ou puros do exercicio, destinam-se á constituição das reservas do periodo seguinte e ao pagamento dos sinistros previstos pela taboa de mortalidade.

Como, porém, a força organica e a potencia vital dos segurados não mantem em seu curso regular certa e absoluta harmonia, os sinistros podem crescer demasiadamente e desequilibrar a acção previdente do instituto e por isso consumir grande parte dos seus lucros verificados.

Para enfrentar esta possivel situação, a companhia deve dispôr dos recursos indispensaveis ao pagamento dos sinistros que apparecerem em excesso.

O valor dessa responsabilidade imprevista pode sair, sómente, dos que constituem o capital social, as reservas preventivas ou o saldo disponivel dos lucros anuaes.

De modo que, não convindo deprimir elemento de natureza permanente (capital social) e outros valores destinados a obrigações regulares, (lucros consagrados á remuneração do capital), institue-se, por isso, a *reserva preventiva* que deve ser uma das caracteristicas do patrimonio das empresas de seguros.

Todavia, uma condição impõe-se neste particular: é que esta e outras reservas tenham no activo a sua tangivel representação.

Emfim, quando fôr organizado o inventario serão separadamente determinadas as Reservas para serem distribuidas pelas varias especies de seguros.

## Momenclatura e função de contas

Trataremos agora das contas em que são registados o movimento das operações e o respectivo resultado financeiro.

As contas desta nomenclatura especial são as seguintes:

*Seguro Vitalicio*; *Seguro Vitalicio com premios limitados* a 10, 15 ou 20 annos; *Seguro Mixto* a 10, 15 ou 20 annos; *Seguro Temporario* de 5, 10 ou 15 annos; *Seguro Vitalicio em conjunto*.

A *credito* de cada uma escripturam-se, por transferencia, as Reservas technicas do inventario anterior; todos os premios do exercicio vigente, cobrados ou não e os juros que pertencem a cada uma destas contas.

A *debito* figuram os sinistros; as commissões liquidadas; as rescisões; os gastos que lhe são attribuidos, os seguros que terminam os respectivos prazos e a reserva calculada para o actual inventario.

De conformidade com os principios anteriormente expostos, estas contas caracterisam os seguros com ou sem participação desde que sejam agrupadas separadamente de modo a se distinguirem as que se filiam aos contratos destas duas combinações.

Assim sendo, a nomenclatura deve completar-se com a designação da natureza do seguro, isto é, indicará se este foi ou não subscripto com participação.

O *saldo* é credor e representa lucro, a não ser que se verifique, nos seguros, uma mortalidade excessiva.

Pelo mecanismo destas contas, vemos que a sua função primordial é o de concentrar a *debito* e a *credito* os componentes das respectivas despesas e receitas, e por consequente, a de demonstrar o lucro ou o prejuizo de cada classe ou categoria de seguros.

## Premios

A *credito* escripturam-se todos os premios recebidos, debitando-se a conta que effectua a cobrança.

Na data do balanço verificam-se os premios regulares vencidos ainda não cobrados nessa data, e a respectiva importancia credita se tambem, nesta conta.

A *debito* levam-se os premios proporcionaes á parte dos seguros cedidos a outras companhias, (resseguros) que são, por outro lado, creditados a Resseguradores.

Na data do balanço, ou em outras que forem escolhidas, dentro do exercicio e por motivo de ordem, fazem-se os lançamentos de transferencia, distribuindo-se o total credor e o total devedor desta conta pelo credito e pelo debito de cada uma das classes de seguro com que os premios se relacionam.

Como vemos os premios não se creditam nas contas particulares dos segurados, porque quando são recebidos pelo segurador entram no fundo commum e perdem, por isso, a sua individualidade.

**Nota** — O premio deve ser pago por inteiro e antecipadamente porque elle é estabelecido sobre a unidade de tempo, isto é, o anno.

Ficou, porém, admittido entre os seguradores que esses premios poderiam ser divididos em prestações semestraes ou trimestraes.

Neste caso augmentar-se-á o premio annual de uma certa quantia para depois dividi-lo: a) em duas partes, se os pagamentos forem por semestres; b) em quatro partes, se esses mesmos pagamentos se effectuarem por trimestres.

Quando, então o premio annual importar em 600\$000, e nelle fôr incluído o juro de 24\$, o quociente  $\frac{624\$000}{2} = 312\$000$  indica a quota semestral do premio.

E se o pagamento for por trimestres, reunem-se ao premio annual uma importancia maior, por exemplo, a de 6% do mesmo premio, sendo por consequente a quota trimensal de  $\frac{636\$000}{4} = 159\$000$ .

Do meu livro «Tratado de Seguros»

(Continua)

Horacio Bertink.

# CALCULOS DE FACTURAS ESTRANGEIRAS

(Continuação)

## N.º 2 Cópia de uma factura

PESO		DESIGNAÇÃO	Proven. de Norte-America	
Brut.	Liq.		SOMMAS	
K	K			
120	62	1 Caixa N. 876 contendo: 3 gros. pistolinhas para crianças em caixa de 12		
	40	peças c/ gros. a \$9,00 . . .	\$ 27.00	
		160 gros. fitas com espo- letas a \$0,32 c/ gros. . .	\$ 51.00	\$ 78.20
		CONTA DE DESPESAS		
		Caixão, emb. e embarque . .	\$ 5.00	
		Seguro marítimo até Santos .	3.50	
		Frete, idem . . . . .	9.90	
		Despesas consulares . . . .	4.75	\$ 23.15
120	102			\$ 101.35

Kil.	Nota de despacho da Factura N.º 2		OURO
62	1 Caixa N. 876 contendo: pistolinhas para crianças c/ kil. a 2\$ . . . . .	124\$000	
40	fita c/ espol. c/ k. a 2\$5000	100\$000	
	Total ouro e papel	224\$008	
	Cambio		
	Ouro 35% $\frac{27}{100} = 15687^5$	132\$300	78\$400
	Papel 65% . . . . .	145\$600	
		277\$900	
	Estatística . . . . .	\$030	
	Armazenagem . . . . .	2\$500	
	Capatazias . . . . .	\$300	
	Carreto . . . . .	1\$500	
	Estampilhas . . . . .	1\$000	
	Commissão . . . . .	33\$672	
		316\$002	
	Frete da E. F. até S. Paulo	2\$000	
	Carreto da est. no armazem	1\$098	
102	Total . . . . .	320\$000	

### Calculo da factura N.º 2

1.ª PARTE			
Custo, na origem, das 3 gros. pisto- linhas . . . . .		\$ 27 00	
Gastos correspondentes para caixa, embalagem, embarque, etc. A 102 kilos correspondem \$5,00, a 62 kilos das pistolinhas corres- ponderão x ou:			
$\frac{5 \times 62}{102} = . . . . .$		3.04	
Para um seguro marítimo de \$78.20 pagou-se \$3.50 aos \$27.00 corres- ponderão x ou:			
$\frac{3.50 \times 27}{78.20} = . . . . .$		1.20	
Por frete e despesas consulares. 102 kilos pagaram \$9.90 e \$4 75, total \$14,65. Aos 62 kilos correspon- derão x, ou:			
$\frac{14.65 \times 62}{102} = . . . . .$		8.90	\$10.14

Reduzimos os \$40.14 a moeda bra-  
sileira ao cambio de 3\$200 e  
teremos . . . . . 128\$448

A nota de despacho de 224\$ ouro e  
papel pagou com gastos, agio,  
etc., 320\$ papel.

Aos 124\$ ouro e papel correspon-  
derão x ou:

$$\frac{320\$ \times 124}{224} = . . . . . 177\$142$$

Custo das 3 gros. postas no armazem 305\$590  
Dividimos por 3 para saber o preço  
de 1 gros.

$$\frac{305\$590}{3} = 101\$863$$

Preço de custo do artigo posto no  
armazem

### 2.ª PARTE

Augmentar 4% juros sobre a impor-  
tancia da factura por 6 mezes que  
o commerciante estrangeiro cobra  
pela sua mercadoria. As pistoli-  
nhas custaram 128\$448; então  
teremos:

$$\frac{4 \times 128\$448 \times 6}{100 \times 12} = . . . . . 2\$569$$

Augmentar 10% por 6 mezes sobre  
o despacho de alfandega; dinheiro  
esse que o commerciante tirou do  
banco para pagar ao despachante  
de alfandega:

$$\frac{10 \times 177\$142 \times 6}{100 \times 12} = . . . . . 8\$857$$

Augmentar 10% por gastos internos  
que este commerciante tem no  
seu negocio. Deve calcular-se  
sobre 305\$590, custo das 3 gros.  
postas no armazem:

$$\frac{10 \times 305\$590}{100} = . . . . . 30\$559$$

Custo definitivo das 3 gros. para a  
venda. Divida-se por 3 para saber  
o preço de 1 gros.:

$$\frac{347\$575}{3} = 115\$858$$

PREÇO DO ART. POSTO NO  
ARMAZEM . . . . . 101\$863

PREÇO DO ARTIGO PARA A  
VENDA . . . . . 115\$858

NOTA — Excusado é repetir o calculo das  
fitas, pois é o mesmo das pistolinhas.  
O leitor deverá calcular, por sua  
vez, as fitas, baseando-se neste calculo.

(Continua)

Prof. G. Jean Brando.

## SEÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

## OS GRANDES PROBLEMAS SCIENTIFICOS

## Os icebergs e a maneira de os descobrir a distancia

(Continuação)

Dito ficou mais acima que já no periodo glaciário havia gélos flutuantes em maior quantidade do que aqueles que existem nos actuaes mares.

Falemos agora d'êles mais particularmente, isto é, dos icebergs (lêr aicebergs).

Iceberg é um neologismo formado de uma palavra inglesa *ice* que significa gelo e de outra alemã *berg* que quer dizer montanha, tendo esta palavra na lingua suéca quase a mesma grafia pois escreve-se *isberg* com a mesma significação e compõe-se por sua vez de *is*, gelo e *berg* onte.

Ora, estas montanhas de gelo flutuantes destacam-se dos glaciares eternos dos polos aonde não chegam os raios do sol que provoquem a sua fusão e porisso lá ficaram desde os ultimos tempos da longiqua época terciária. E os bancos dos gélos polares occupam uma vasta região cujo limite varia com a estação e com as circumstancias atmosféricas. Esses bancos glaciares movem-se continuamente, embora com morosidade, visto que a sua velocidade anda á volta de 15 m. por ano.

Os icebergs deslocam-se da massa geral das ilhotas de gelo que descem com as correntes marinhas ou sob a influencia do vento e chegam a atingir 40.º de latitude, vagueando pelos mares até á sua fusão completa.

Os gélos do polo sul são mais vastos do que os do polo norte.

Estes gélos flutuantes, como se sabe, representam perigos enormes para a navegação. Conservam-se êles em equilibrio sobre uma base muito mais extensa do que a parte que fica para cima da superficie liquida dos mares, e essa base é incessantemente redusida na sua espessura pela ação corrosiva da agua. Algumas destas grandes massas de gelo chegam a atingir a circunferencia de cerca de sete kilometros e vinte e cinco a trinta metros de altura!

Muitos se devem lembrar ainda da terrivel catástrofe occorrida ha cerca de dezoito anos com o paquete «Titanic», catástrofe que emocionou o mundo inteiro!

Sendo muito imperfeitos os instrumentos que então havia, e os processos de descobrir essas moles de gelo inspiravam tão pouca confiança, que foi possivel produzir-se o choque violentissimo do referido paquete com um iceberg enorme resultando desse choque uma tragedia que enlutou centenaes de familias.

Logo após essa desgraça tremenda, o governo alemão convocou para Berlim uma reunião de representantes das principaes nações interessadas, com o fim de estudar os meios efficazes de evitar o perigo que os icebergs constituem para a navegação.

Os Estados Unidos, como consequencia desta espécie de Conferencia Internacional, organisaram um serviço de exploração nos mares onde os icebergs fazem permanencia, com diversas flotilhas de barcos apropriados que denominaram *ice-patrols*, dotados de installações de T. S. F. por meio da qual estavam em communicação com uma Repartição Central que recebia quase diariamente informações dos *ice-patrols*.

Essa Repartição estabelecia todos os meses uma carta de icebergs, mostrando a posição destes montes de gelo flutuantes, indicando o seu tamanho e outras caracteristicas que eram consideradas uteis.

A tragedia do «Titanic» veio pôr de sobre-aviso as companhias de navegação cujos paquetes tinham de sulcar as varias zonas perigosas, obrigando-as a tomar medidas que a situação

reclamava. Sem duvida que a navegação nas zonas dos icebergs é para temer porque quando não se dá o choque violento que faz afundar um navio dá-se por vezes a queda do iceberg sobre o costado do navio que fica esmagado sob o seu peso estupendo, porque a sua base mergulhada na agua que constantemente lhe reduz a espessura, como mais acima se diz, o seu equilibrio passa de estavel, por assim dizer, para instavel e eil-o que a um pequeno toque da embarcação, produz-se a queda sobre ela, e a seguir a tragédia.

Antigamente, a bordo, era preciso consultar frequentes vezes o termómetro e vigiar as nuvens quando as havia, porque tanto aquele como estas indicavam, embora deficientemente, a aproximação dos icebergs.

O termometro registava um abaixamento de temperatura; as nuvens reflectiam um clarão especial projectado pela superficie gelada dos montes de gelo.

Durante a Grande Guerra, de execranda memoria, inventou-se um aparelho para denunciar a aproximação dos submarinos. aparelho que era baseado na percção do eco produzido por um som reflectido pelo casco desses vasos de guerra, sem todavia se lhe ter dado a applicação para que foi inventado.

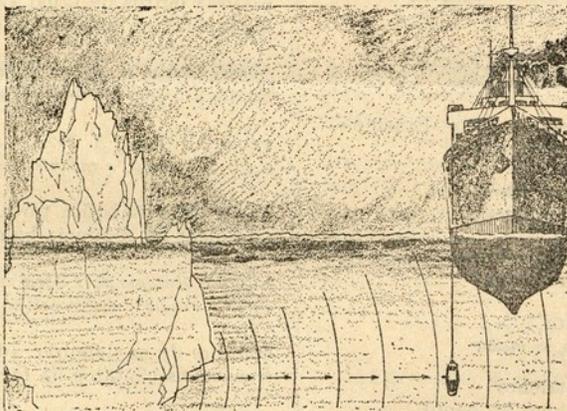
Estes aparelhos foram utilizados depois na descoberta dos temerosos icebergs, tendo-se chegado a resultados satisfactorios.

Mas o homem sempre na ancia de fazer mais e melhor, não se conformou com os processos a que acima se allude, por consideral-os imperfeitos e d'ahi o julgar necessario proseguir no estudo de outros processos mais efficazes para descobrir á distancia o terrivel inimigo da navegação.

Entre aqueles que mais se tem dedicado a este estudo encontra-se o Dr. Howard Barnes, americano, que ha pouco tempo fez uma expedição á zona dos icebergs com o fim expresso de encontrar um novo processo por meio da illuminação. O processo das pesquisas pela luz foi abandonado (era a luz electrica em arco, cujo raio pode ser concentrado e radiado em qualquer direcção desejada) porque o nevoeiro reflectia a luz e cegava os olhos do observador posto na ponte do navio. Em face desta contrariedade, houve necessidade de recorrer ás projecções de luz muita intensa para que pudesse atravessar o nevoeiro e descobrir o iceberg atravez do vapor aquoso, que deste modo apresentaria aos olhos do observador a sua silhueta.

Quando o nevoeiro se apresentava muito denso, durante a expedição do Dr. Howard, fez-se uma experiencia muito interessante a qual consistiu na adaptação duma celula foto-electrica, sensivel aos raios infra vermelhos, a um aparelho radio-telephonico de amplificação e deste modo tornou-se audível a sombra dos icebergs! E aqui está como a maravilhosa descoberta das ondas hertzianas, assim chamadas por terem sido postas em evidencia por Hertz, vieram auxiliar estes estudos de tam alta importancia.

Convem dizer aqui, para conhecimento dos menos versados em assuntos da T. S. F., que uma celula foto-electrica se compõe de uma ampola de vidro ou de quartzo na qual se fez o vácuo. Estas ampolas de forma esferica tem a propriedade de serem muito permeaveis nos raios infra-vermelhos. Dentro da ampola ha um cátodo (polo negativo delaj feito de potássio (corpo simples, metálico, extraído da potassa) e um ânodo feito de tungsténio (metal pardacento e duro descoberto em 1780 por



Gravura mostrando um paquete provido com um microfone que mergulha na agua. A' distancia um iceberg do qual o microfone recebe os ruides produzidos pela sua fusão.

Scheele, chimico alemão, a quem se deve tambem a descoberta do manganês, da glicerina, do eloro, etc.). O cátodo é por assim dizer, um revestimento interior da ampola de vidro ou célula e sôbre elle vêem projectar-se os raios luminosos infra vermelhos emitidos pelo iceberg.

Outro sábio alemão, Roentgen, á custa dos raios catódicos, que são raios invisíveis mas que penetram os corpos opacos, descobriu o processo fotografico universalmente conhecido e usado que permite tirar a fotografia do coração, dos pulmões, da columna vertebral, duma omoplata, duma tibia, etc. A sua descoberta que veio trazer á humanidade beneficios incalculáveis é universalmente conhecida pelo nome de—Raios X.

O Dr. Howard ainda fez uma experiencia curiosa com um para-quedas do feitto de um guarda-sol, provido com um luseiro ocultante; os raios deste luseiro reflectiam-se no iceberg que os projectava para o navio de observações. Foi posta de parte porque o vento incidindo fortemente sobre os para-quedas, desviava-os para pontos onde não podiam prestar os serviços de que os haviam encarregado.

Depois de tudo isto aquele homem de sciencia caíu num simples processo de descobrir os tão discutidos inimigos da navegação, processo que consiste em mergulhar um pequeno

microfone suspenso por um fio ao longo do costado do navio, e este microfone transmite a uma parelho de amplificação radio-telefonico os sons que *pesca*, sons que são o ruido produzido pela fusão do iceberg dentro da agua, mesmo que elle esteja a dez quilometros de distancia!

Já que estamos a tratar de gelo, não desejava fechar este artigo sem dar conta aos leitores, se é que alguns tenho, dum novo invento para fabricar nada mais nem menos do que—gelo seco! Por meio de um aparelho que não vem para aqui descrever, o bioxido de carbone que é um gaz no estado normal, é solidificado e a sua temperatura por meio do aparelho é reduzida muitissimo. O gelo seco é tão frie que não se pode segurar nas mãos sem produzir uma forte sensação de queimadura. E' chamado *gelo seco* porque não se funde em agua mas *funde-se* em gaz, isto é, sublima-se.

Está-se mesmo a vêr que esta nova substancia vae ter um uso e uma utilidade muito grandes nos laboratorios, visto que a temperatura que se pode obter é muita mais baixa do que a do gelo vulgar. Este processo dispensa nos laboratorios os complicados aparelhos para experiencias a temperaturas baixas. Et c'est tout.

Braz Porto.

## ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

*Litteratura portuguesa* linda e rica com *D. Dinis*, o trovador, que dulcifica

a vida em versos provençais, ingenuamente...  
—*Camões*, o príncipe dos poetas, da alta mente,

que toda a nossa linda glória e ardar descerra  
numa das grandes epopéas que há na terra;

«nosso Plauto», o genial, o arguto *Gil Vicente*,  
pondo na scena de tal modo a *antiga gente*,

que estudou [nossa lingua um estrangeiro—*Erasmus*—  
só para ver a sua graça, o seu sarcasmo;

o *ingénuo Bernardim*, mais o *subtil Vieira*  
«cujo estilo é donzela enfeitada e faceira»;

*Bernardes simples*, «cujo estilo bem imita  
a camponesa sem enfeite mas bonita»;

*Bocage*, másculo vulcão abrasador,  
de sátira e ternura, e, por certo, o *maior*

*repentista do mundo*, esbanjando talento  
como um rajá a arremessar milhões ao vento...;

*Carrel airoso*, e o *brônzeo e plácido Herculano*,  
e o *purista Castilho*, e em gesto franciscano,

simples e claro, *João de Deus*, que nos desfia  
pétalas suaves em arroios de harmonia...;

o *poeta-pensador Quental*; *Gomes Leal*,  
*mordaz*; *António Nobre*, o *meigo*; e, *sem rival*,

no mundo, (!) o rútilo *Junqueiro*, um furacão,  
um *Génio* em graça, forma, ideal e comoção!

E os romancistas! Um *Dinis* com agudeza  
pintando a vida campesina portuguesa:

*Camilo genial* a erguer, com um tição,  
almas de astúcia e amor e raiva em turbilhão;

*Eça* de estilo muito claro e musical,  
e scepticismo amargamente universal,

numa *ironia* que, no mundo, com certeza,  
nunca se viu senão na lingua portuguesa;

*Ramalho ramalhal*, mais o *Fialho* contista  
com lantejoulas, fogaréus de *colorista*;

*José Estevam*—o orador que se arrebatava  
em gesto túrbido em cachões de catarata...

e ainda outros de igual valor (2).—que Portugal  
é pequeno em tamanho e grande no Ideal!

*Santos* também. *Santa Isabel* com mãos piedosas  
mudava o pão do seu regaço em lindas rosas;

venceu o demo *S. Frei Gil de Santarém*;  
e *D. Fernando*, o *infante santo*, mostrou bem

que a mais diabólica tortura é sempre vã  
no dulçor da renúncia humilima cristã...

e *Santo António de Lisboa milagroso*,  
*sábio e orador*; e, divertido, mas virtuoso,

com fim de as demorar, (dizem lendas antigas)  
trocava os cântaros na fonte às raparigas;

*litterato*, também de grande fama, visto  
ser, para alguns, o autor da «Imitação de Cristo» (3);

(Continúa)

*Marques da Cruz.*

(1) Defendi esta idéa no prefácio do meu livro «*Agua da Fonte*». A modéstia e timidez dos portugueses (que, por Portugal ser pequeno, pensam que tudo nêlo é pequeno), nunca fizeram, segundo penso, avultar, com justiça, esta verdade.

(2) Como Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Damião de Goes, João de Barros, Diogo do Couto, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, Frei Luis de Sousa, Soares de Passos, Mendes Leal, Bulhão Pato, Tomás Ribeiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Alves Mendes, Gonçalves Viana, e outros.

(3) Esta obra celeberrima em todo o mundo, apontada até por Augusto Conte para a leitura quotidiana dos homens, tem sido attribuida a muitos espiritos illustres entre os quais Tomás Kempis, Santo António, etc. Santo Antonio de Lisboa (de Pádua, dizem os italianos, porque tambem lá viveu e morreu) tinha o *dom da ubiquidade* ou *bilocação* (que a Psychologia experimental aponta nos fenómenos duvidosos do *metapsiquismo*), pois, dizem, discursava em Pádua e em Lisboa ao mesmo tempo.

# NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

## TEATRO SA' DA BANDEIRA

### Companhia

### HORTENSE LUZ

Esta distinta artista, é hoje sem discrepância de opiniões, a nossa actriz de teatro ligeiro mais querida e mais popular.

Passando da declamação (alta comédia), para o teatro musicado (revista), a illustre comedianta impôs-se não só pelo prestígio moral e artístico que cerca o seu nome, mas também pelas suas belas qualidades e aptidões de trabalho, de que tem dado provas irrefragáveis.

O activo artístico de Hortense Luz, contem trabalhos de subido valor em peças de renome, quando fez parte dos elencos das companhias Maria Matos e Lucilia Simões. Ultimamente tem realizado no palco numerosos *tipos* populares, figuras da rua bem conhecidas, que ela na sua transplantação para a scena, nimba docemente de um halo de suave ternura, a que não faltam também o mais lusitano e saudosista dos sentimentos. Declama esplendidamente, sublinha com gaiteice os ditos maliciosos, e canta o *couplet* com expressão e graça.

Estreou se a sua companhia nesta cidade com a despretenciosa revista «Chá de Parreira», de cunho acentuadamente popular, talvez sem originalidade, mas atraente de interesse e de movimento. Recordam-se com emoção coisas do Passado, comentam-se costumes, e fôcam-se scenas da vida actual, em pinceladas flagrantes, por vezes cruas, mas rescendentes de bom humor. A musica da autoria de Frederico de Freitas, tem numeros de acentuada feição popular, como por exemplo o dos *Recrutas e das Sapeiras*, agradáveis ao ouvido, mas de discreta instrumentação.

Conjunto muito equilibrado. Hortense deu singular realce a todas as suas personagens, tirando o maior partido do *Santo Antonio*, o taumaturgo predilecto do publico folião da capital.

Ema de Oliveira, artista bem nacional, que já conheço na revista ha bons 15 anos, desde a *Vovina vae ao conde* do «Novo Mundo», apresenta 7 figuras de acentuado relevo cómico. Corina Freire, possuidora de um aveludado fio de voz e de uma limpidissima articulação, cantou com sentimento o «Barro de Extremoz», lindo numero de música. Georgina Cordeiro, artista de finissima *silhouette* parisiense, espargue frescura e mocidade, através dos varios quadros do «Chá de Parreira». Maria Bénard, figurinha de Greuze, declama com realce na «Velha Lisbôa». Cesária Henriques, adapta se a diversos papeis, a que transmite vida e graça.

Do elemento masculino, devo colocar em primeiro plano, Nascimento Fernandes, actor cómico que vem creando desde o já remoto ano de 1907, em que nos apresentou o «Savalidade» da revista «Oh! da Guarda», uma vastissima galeria de figuras caricaturaes. E' de notar a forma isenta de exageros, com que desempenha o papel da velha D. Violante em *travesti*. Alberto Ghira, encarregou-se do *compère*, canastrão que não dá ensejo a fazer sobresair os seus recursos de artista pratico no género. Jorge Gentil, actor consucioso, esteve á altura dos trabalhos de que o incum-

biram. Armando Machado, José Silva e Reginaldo Duarte, emprestam toda a propriedade ás suas interpretações. O bailarino Francis, é um artista de valor, sobresaindo principalmente no *Golf*, em que desenha atitudes da mais ática e suma eurythmia coreográfica. Só tem um defeito: é ser português, e ele bem o compreendeu já, tanto que se crismou com um nome estrangeirado, pois santos da porta, não fazem milagres.

Os scenários e cortinas, tem traços de modernismo, não impressionando comtudo pelo esplendor, assim como as apoteóses. O grupo de coristas-bailarinas, atravessa a scena em várias danças modernas, denunciando precisão e equilibrio de movimentos. O guarda-roupa é interessante, sendo de notar a bizzarria policrómica e originalidade dos trajes envergados pelo grupo das «Fogueiras de S. João». As marcações são simples, não apresentando novidade. A orquestra embora falha de bons elementos, mantem-se afinada sob a direcção do distinto maestro Hugo Vidal.

\*

A seguir tivemos a maravilhosa *féerie* «Feira da Luz», que representa entre nós qualquer coisa de notavel em deslumbramento de guarda-roupa, riqueza de scenario, intenso movimento, inundação de luz, colorido e esfusiante alegria.

Na noite da *première* tanto interpretes como *maestro* e Empreza, receberam no proscênio entusiasmaticas ovações.

A absoluta falta de espaço, não me deixa fazer a devida apreciação neste numero de «A Voz do Comercio», a esta peça, que vem de marcar um autentico e legitimo successo.

Um bravo a Mario Pombeiro, o activo e arrojado director-gerente da Companhia Hortense Luz, que tem visto bem compensados os seus gigantescos esforços, para a montagem de uma peça desta natureza, com a affluencia de numerozo Público ao nosso elegante e sempre preferido Sá da Bandeira.

## PALACIO DE CRISTAL

### Grande Companhia de Circo

São dignos de todo o louvor os esforços empregados pela Sociedade Arrendataria deste magnifico e edênico recinto de diversões, de que tão justamente se ufana o Pôrto, para conseguir apresentar nesta cidade, a companhia que lá vem de se exhibir, contratada directamente no estrangeiro, pelo seu incansavel e intelligente director, Cav. Guido Fazzio, homem de acção, que residindo ha poucos anos entre nós, já conta as mais radicadas simpatias no nosso meio.

Do seu elenco faziam parte artistas de renome mundial, como por exemplo, o ventriloquo d'Anselmi, cujas imitações de animaes e das grafonolas, são admiraveis pela sua perfeição inultrapassavel. Todos os restantes componentes da companhia, bem como os *clowns* e *augustos de soirée*, eram dignos de figurar nos primeiros circos do mundo.

E' lamentavel que o Público amador de funcções desportivas, que enche os campos de *foot-ball* e acode em massa aos torneios de *box*, e se presa de entender, desamparasse bastante estes soberbos espectaculos de circo, em que se exhibiam trabalhos que assombravam pela sua novidade, arrojamento e modernismo.

# O Vegetariano

Revista Ilustrada de Higiene e Agricultura

Tem **vinte e um anos** de existencia na propaganda da alimentação racional e tratamentos naturais

Inserer secções de culinaria dietética, consultas *gratis* e agronomia prática

Variada colaboração scientifica e literária

Tem produzido milhares de *auto-curas* pela *Natureza* e oferece *grátis* um trimestre de assinatura a quem enviar o endereço bem legivel a

**O VEGETARIANO**  
**LARGO DOS LOIOS, 50**  
**Porto**

## ESPECTACULOS E DIVERSÕES

### Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

Companhia HORTENSE LUZ

A MARAVILHOSA FÉERIE

#### **FEIRA DA LUZ**

DESLUMBRANTES SCENARIOS

LUXUOSO GUARDA-ROUPA

**OPTIMO DESEMPENHO**

### Jardim Passos Manuel

Telefone, 1034

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

**FITAS ESCOLHIDAS**

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

### Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

#### **Soirées Chics**

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efisio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

### Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfectissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções,"

Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

### Águia d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 14 professores sob a direcção do *maestro* HORACIO BORGES

### Odeon «Cine-Teatro»

Empresa A. da Silva Marta - Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

*Sempre fitas novas*

VARIEDADES

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

### Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

**Peliculas sensacionais**

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

### Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

às terças, quintas e domingos

**Chás dansantes**

no «dancing» do Restaurant

**JANTARES CONCERTOS**

todos os dias ás 19 horas

**VISITEM O AVIARIO**